

## ANÁLISE SOBRE O TEMA PERCEPÇÃO EM UMA REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA MERLEAU-PONTYANA<sup>1</sup>.

RIBEIRO, Job Antonio Garcia - [job\\_ribeiro@fc.unesp.br](mailto:job_ribeiro@fc.unesp.br)  
CAVASSAN, Osmar - [cavassan@fc.unesp.br](mailto:cavassan@fc.unesp.br)

**Resumo:** Trata-se de um breve ensaio sobre as contribuições da fenomenologia merleau-pontyana para a temática da percepção ambiental. Por meio de um levantamento dos trabalhos publicados na Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) da Universidade Federal do Rio Grande, entre os anos de 1999 a 2010, buscamos identificar de que maneira as publicações sobre Educação Ambiental (EA) abordam o tema da percepção. Após análise quali-quantitativa verificamos que os aportes teóricos utilizados contêm distintas propostas e, portanto, necessitam ser esclarecidos e discutidos com maior profundidade, uma vez que sustentam a relação entre os indivíduos e o meio ambiente. Acreditamos que a teoria da percepção de Merleau-Ponty ao destacar o papel do sensível e considerar o ato perceptivo vinculado não apenas ao aparato cognitivo como também a fatores subjetivos, pode contribuir para a fundamentação filosófica dessa problemática atuando como uma ferramenta teórica colaborativa para os estudos da percepção ambiental na E.A.

**Palavras-chave:** REMEA; fenomenologia merleau-pontyana; percepção ambiental.

**Abstract:** This is a brief essay on the contributions of Merleau-Ponty's phenomenology on themes of environmental perception. Through a survey of studies published in the Electronic Journal of the Masters in Environmental Education, from Federal University of Rio Grande, between the years 1999 and 2010, we sought to identify how the publications on Environmental Education (EE) approach the issue of perception. After qualitative and quantitative analysis we found that the theoretical framework used contain different proposals, and therefore need to be clarified and discussed in greater depth, since it supports the relationship between individuals and the environment. We believe that the theory of perception of Merleau-Ponty to highlight the role of sensible and to consider the perceptual act, not only linked to the cognitive apparatus but also subjective factors, can contribute to the philosophical foundation of this problem by acting as a theoretical collaborative tool for studies of environmental perception on EE.

**Keywords:** REMEA; Merleau-Ponty's phenomenology; environmental perception.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado junto à disciplina "Teoria do conhecimento e Filosofia da Ciência" (Prof. Marcelo Carbone Carneiro) do programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, Unesp, Bauru-SP.

## **Introdução**

A questão de “como conhecemos” frequentemente esteve presente na história da humanidade e norteou, por assim dizer, o pensamento de alguns filósofos. Aliada a mesma, outra abordagem comum às mais diversas áreas do conhecimento é o de “como percebemos o mundo”. Dentre as teorias do conhecimento já abarcadas pela literatura, o racionalismo de Descartes e o empirismo de Hume buscaram compreender essa questão, propondo e discutindo argumentos filosoficamente coerentes com o contexto de seus respectivos momentos históricos. No entanto, há ainda discussões referentes à essa temática e novas correntes surgem objetivando a compreensão dessa complexa relação entre conhecimento e percepção.

Como conhecemos o ambiente que nos cerca ou de que maneira o percebemos, são indagações presentes também na abordagem ambiental. Segundo Carvalho (2008), o entendimento de como os indivíduos e a sociedade se relacionam com o ambiente, seja ele natural ou construído, é uma das preocupações da Educação Ambiental (E.A), que inicialmente fundamentou-se em modificar comportamentos ditos não sustentáveis priorizando ações que “conscientizasse” determinados grupos sociais. Nesse sentido, o reconhecimento e esclarecimento de conceitos físicos e biológicos eram suficientes e, permitiriam o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias para entender e apreciar as interações entre o homem e o meio ambiente (DIAS, 1998).

Contudo, como apontam Marin e colaboradores (2003), conscientizar implicaria apenas transmissão de conhecimento, e no caso específico da EA, a explicitação de conteúdos das ciências naturais, o que de certa forma não possibilitaria uma ação ambiental integradora. Desse modo, surgem novas indagações e a E.A., antes sustentada apenas em conteúdos conceituais é “(re)pensada”.

Como aponta Dias (1998), tratar a questão ambiental abordando somente um de seus aspectos, ou seja, o ecológico, seria praticar o mais ingênuo reducionismo, uma vez que se desconsidera o enfoque interdisciplinar e a participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade. O simples ato de conhecer as leis naturais, não implica garantir práticas ambientais capazes de modificar valores e atitudes em relação ao ambiente. Uma Educação Ambiental deve sim promover a conscientização, porém esta deve fundamentar-se não somente na transmissão de conteúdos, mas no entendimento da relação entre o “eu” e o “outro” pela prática social reflexiva, uma vez que compreender a realidade objetiva sem considerar os sujeitos e a subjetividade é negar a ação histórica (LOUREIRO, 2009).

Ao buscar a superação de práticas ambientais meramente instrumentalizadas, a EA apropriou-se de conceitos de outras áreas entre elas a sociologia, filosofia, geografia, história, pedagogia, psicologia entre muitas outras. Em especial destacamos a chamada Psicologia Ambiental, que tem se constituído num campo cada vez mais consolidado, estabelecendo zonas de interface com as diferentes disciplinas buscando uma melhor equação para as relações sociedade-ambiente (PACHECO, 2009). Uma das especificidades da Psicologia Ambiental é trabalhar com a percepção ambiental, tida como uma percepção aplicada às relações dos indivíduos e comunidades com o meio ambiente.

Perceber, nesse contexto, ganhou o estatuto de conhecer não no sentido de mera aquisição de conteúdos e informações, mas de ir além do conhecimento onde se apreendem sensações, valores e atitudes. Em lugar de se considerar a sensação e a percepção como funções distintas, a psicologia estabelece que dados sensoriais e sua formação organizada se produzem simultaneamente (PENNA, 1982).

Perceber é portanto conhecer através dos sentidos objetos e situações, que são assimilados em função de um contexto ou sistema de referência, ou seja, é também estabelecer relações (PENNA, 1982). Para Del Rio e Oliveira (1996), trata-se de um processo mental no qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas e dando a elas significados.

Podemos observar que historicamente ocorre uma mudança de trajetória nos estudos sobre EA. Se o objetivo inicial dessa área de conhecimento sustentava-se na conscientização no sentido de transferência de conteúdo, prioriza-se agora as relações perceptivas entre o indivíduo e o ambiente. Nesse sentido a EA aborda a percepção ambiental como uma forma de identificar não somente o conhecimento que dado grupo de indivíduos detém sobre o ambiente em que vive, como também a maneira pela qual com ele se relaciona e o representa, objetivando uma sensibilização ambiental em detrimento de uma conscientização ambiental somente (MARIN *et alli*, 2003).

Investigar portanto o tema da percepção nas publicações da área de Educação Ambiental torna-se pertinente uma vez que essa temática encontra-se em ampla expansão e desenvolvimento. Desse modo, propusemos no presente trabalho não somente esclarecer esse novo campo conceitual e as diferentes abordagens do conceito de perceber, como também realizar um levantamento documental em uma Revista Eletrônica de EA, quanto a essa temática. No decorrer do trabalho ainda apontamos as contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para estudos alhures no campo da percepção ambiental.

### **Percepção ambiental**

Nos dizeres de Marin e colaboradores (2003, p. 618), “falar de percepção ambiental é falarmos da relação do ser humano com o mundo”, ou seja, da intrínseca interação entre sociedade e meio ambiente. Perceber o mundo, nesse contexto, liga-se diretamente ao modo como nos relacionamos com ele (REIGOTA, 1998) e nessa perspectiva, podemos considerar diversas formas sociais de relação com o mundo ou com a natureza, desde aquela revestida com o manto da sacralização, até aquela ancorada no arcabouço cientificista dominador (LENOBLE, 2002; MERLEAU-PONTY, 2000; COLINGWOOD, s/d.).

No entanto, há uma diversidade de formas de se compreender a percepção, que pode ser estudada em uma perspectiva fisiológica, gestaltista ou comportamentalista, as quais sintetizamos a seguir (PENNA, 1982).

Uma perspectiva fisiológica, também denominada cognitivista por Souza (2010), preocupa-se primordialmente com os processos neurológicos que ocorrem quando realizamos uma atividade perceptual. A abordagem da teoria da forma (gestaltista), por sua vez, sistematiza o fenômeno da percepção como um processo de organização das atitudes perceptivas baseadas nas experiências passadas como fator de modelagem do comportamento em geral. No que se refere à corrente comportamentalista ou behaviorista, a percepção é estudada em função de seus aspectos expressivos e projetivos, embora a preocupação com a abordagem cognitiva não seja abandonada.

A temática da percepção, seja ela de abordagem fisiológica, gestaltista ou comportamentalista, está também presente, como demonstra Souza (2010) em trabalhos realizados no campo da Educação Ambiental, tornando-se assim assunto pertinente ao se discutir o binômio sociedade-ambiente. Contudo, Marin (2008) aponta que esses trabalhos no campo da EA são relativamente novos ao se comparar com outros campos

de conhecimento. Desse modo, uma preocupação apontada pela autora (*ibid.*), com a qual concordamos, diz respeito às formas como essas iniciativas têm sido conduzidas, principalmente quanto à adoção dos referenciais teóricos e às diferentes questões e abordagens de pesquisa que são ancoradas no tema, por vezes desprovidas do entendimento do seu real significado.

Essa aparente fragilidade nos estudos da percepção não representa um fator isolado, uma vez que outros fenômenos e seus respectivos arcabouços teóricos, como as representações sociais, são muitas vezes adotados sem que haja uma clareza na apresentação dos referenciais teórico-metodológicos. Seria o caso, por exemplo, de vários estudos em que se propõe a compreensão das percepções e representações e que resultam em levantamentos conceituais que, embora apresentem categorizações interessantes e importantes para o entendimento da linguagem e do discurso corrente sobre as questões ambientais, não são suficientes para subsidiar uma discussão mais aprofundada sobre o que deveriam ser suas preocupações centrais (MARIN, 2008).

Ressaltamos ainda que, além do conceito de percepção possuir vários significados, esse tema perpassa campos como a fisiologia e a semiótica, estando presente também nas representações sociais (PACHECO, 2009). No entanto daremos ênfase à noção de percepção compreendida no contexto da Psicologia Ambiental. Essa ciência caracteriza-se pela ideia de que o efeito do ambiente no organismo não é visto isoladamente do seu contexto, admitindo que tanto o ambiente influencia o comportamento, como este influencia o ambiente (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005). Embora tenha tido inicialmente um forte enfoque psicologista, a Psicologia Ambiental é subsidiada atualmente por aportes teórico-filosóficos da fenomenologia, dentro dos quais podemos citar autores como Dufrenne, Quintás, Bachelard, Cassier, Eliade, Maffesoli e Merleau-Ponty (MARIN, 2008).

É este último filósofo da fenomenologia que destacamos no presente trabalho, sendo sua teoria da percepção apontada como uma possível ferramenta teórica colaborativa para os estudos da percepção ambiental na EA. Contudo, torna-se mister discorrer sobre o que entendemos por fenomenologia.

### **Aspectos gerais da fenomenologia**

A palavra Fenomenologia tem sua origem em duas palavras gregas, *phainomenon*, que significa “o que se mostra”, “o que se manifesta” e *logos*, que significa “discurso”, “ciência”. Portanto, etimologicamente, Fenomenologia significa o estudo ou ciência do fenômeno (PEIXOTO, 2003).

Ao passo que na relação sujeito-objeto, o racionalismo cartesiano enfatiza o papel atuante do sujeito que conhece, o empirismo (que possui David Hume como principal representante) privilegia a determinação do objeto conhecido. A fenomenologia, por sua vez, propõe a superação dessa dicotomia, afirmando que toda ciência é intencional, não havendo uma consciência pura, separada do mundo. Do mesmo modo não há objeto em si, independente da consciência que o percebe. Assim, o objeto é um fenômeno, “algo que aparece” para uma consciência (ARANHA; MARTINS, 2003).

Nesse sentido, a consciência é sempre consciência de algo, de alguma coisa, de algum objeto; este por sua vez (o objeto), só existe e pode ser pensado ou definido por uma consciência, pois ser objeto é sempre ser objeto para um sujeito (GONÇALVES *et alli*, 2008). Deste modo não é possível dizer que há um sujeito separado do objeto, como afirmavam os racionalistas e empiristas. Consciência e objeto não são duas

entidades separadas na natureza. O que ocorre é que tais entidades se definem respectivamente a partir dessa correlação. A fenomenologia como corrente filosófica aborda os objetos de conhecimento tais como aparecem, como se apresentam à consciência. Esta última é, por assim dizer, doadora de sentido, fonte de significado. Conhecer é um processo contínuo, uma exploração exaustiva do mundo e nosso olhar é o ato pelo qual experienciamos a realidade, percebendo, imaginando, julgando, etc.

Há para a fenomenologia a *compreensão* do fenômeno e não sua *explicação*. Ao passo que essa última seria causal, explicando um fato e indicando sua causa, estabelecendo leis causais, a *compreensão* dependeria da interpretação, vinculando-se à intencionalidade (ARANHA; MARTINS, 2003). Portanto, questiona-se a existência de uma verdade frequentemente buscada pela ciência positivista.

Para Nietzsche, por exemplo, um dos críticos do racionalismo, o conhecimento não é se não uma interpretação, ou seja, de atribuição de sentidos, sem jamais ser uma explicação da realidade. Não é possível alcançar uma verdade de fato, nem mesmo separar o conhecimento entre aquele que conhece e o objeto a ser conhecido. Assim,

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que os são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 1993, p.80/81 *apud* ARANHA e MARTINS, 2003, p. 148).

Deste modo, para fenomenologia que se opõem ao positivismo, não existem fatos com a objetividade pretendida, pois não se percebe o mundo como um dado bruto, desprovido de significado. Na realidade, o mundo que percebo é “um mundo para mim”. Daí a importância dada ao sentido e as redes de significações que envolvem os objetos percebidos. Para Peixoto (2003), o mundo não é mais o que dizem que ele é, mas o que aparece à consciência.

Trata-se de uma filosofia transcendental que coloca as afirmações da atitude natural em suspenso para compreendê-las; uma tentativa de uma descrição direta da experiência tal como ela é (MERLEAU-PONTY, 2006). De acordo com Aranha e Martins (2003), o postulado básico da fenomenologia é a noção de intencionalidade, pela qual toda consciência é intencional, isto é, visa algo fora de si.

No entanto, devemos ainda considerar a existência das várias correntes dentro da fenomenologia. Essa que é ao mesmo tempo filosofia e método tem como precursor Franz Brentano, porém, foi com Edmund Husserl que teve suas principais linhas formuladas, abrindo caminho para filósofos como Heidegger (fenomenologia hermenêutica), Sartre (filosofia da contingência) e Merleau-Ponty (teoria da percepção) (GONÇALVES *et alli*, 2008).

De acordo com os autores (*ibid.*) que destacam as diferenças entre os filósofos acima citados, a fenomenologia apresenta-se como um terreno fértil para as Ciências Humanas, uma vez que muitos profissionais e pesquisadores buscam nela um suporte, uma inspiração, subsídios metodológicos ou mesmo um parceiro de diálogo visando à auto-reflexão crítica. Dentro desse contexto, destaca-se a Educação Ambiental ao trabalhar o tema da percepção, uma vez que pode ser subsidiada pela fenomenologia, em especial pela teoria perceptiva merleau-pontyana, que a seguir trataremos com maiores detalhes.

### **A fenomenologia de Merleau-Ponty e sua teoria da percepção**

Embora Merleau-Ponty tenha se envolvido em temáticas como a fisiologia, psicologia e psicopatologia, foi a percepção ligada à fenomenologia que o permitiu analisar o modo como a experiência se dá a um sujeito (GONÇALVES *et alli*, 2008). Para o filósofo, que se contrapunha a ideia de que a consciência era composta por um agregado de impressões sensoriais, a fenomenologia possibilitava uma nova maneira de entender as operações da consciência.

Na concepção de Merleau-Ponty o corpo não era tido como um autômato sujeito às forças externas, nem tampouco abrigo de uma consciência pura capaz de controlá-lo. Na realidade, um organismo reagiria a uma série de estímulos e não a elementos isolados de maneira linear, estímulos tais onde estrutura orgânica e estrutura psíquica estariam intimamente relacionadas (*ibid.*).

A conduta perceptiva irá se tornar destaque na filosofia merleau-pontyana, uma vez que seria produto da ação de um sujeito no mundo, em sua forma ser-corporal. Na concepção fenomenológica de percepção, mente (pensamento) e corpo (ação) não estão separados e, portanto, sentir e compreender constituem um mesmo ato de significação. Nesse sentido, “todo saber se instala nos horizontes abertos da percepção”, afirma Merleau-Ponty (2006, p.280).

Enquanto que a concepção positivista diferencia percepção de sensação, considerando-a como um ato pelo qual se apreende um objeto, utilizando-se para isso as sensações como instrumentos, a fenomenologia merleau-pontyana recebe influências da escola Gestalt que compreende a percepção como uma interpretação provisória e incompleta de um objeto (NÓBREGA, 2008) e também desconsidera que os dados primeiros da consciência sejam sensações individuais ativando regiões específicas do aparato cognitivo (GONÇALVES *et alli*, 2008).

A percepção para a fenomenologia de Merleau-Ponty, não decodifica estímulos simplesmente de maneira linear, como estímulo-resposta, mas reflete a estrutura do nosso corpo frente ao entorno em contextos sociais, culturais e afetivos múltiplos. O conhecimento perceptivo é também criação, não somente adequação de dado objeto ao sistema cognitivo mediado pelas sensações. Na medida em que há certo estímulo já existe certa ação do corpo. Não se afirma que os estímulos ocasionam certas respostas de modo direto, mas sim que tudo parece ocorrer ao mesmo tempo (NÓBREGA, 2008).

Estaria aí uma das possíveis tarefas de Merleau-Ponty: resolver a oposição entre racionalismo e empirismo. O primeiro caracterizado por considerar a razão como a responsável pela organização da experiência, sendo preponderante sobre o conteúdo empírico; e o segundo (empirismo), que enfatizaria a experiência ao destacar que as ideias não precisariam de um princípio organizador, pois se associariam espontaneamente. Maurice Merleau-Ponty propõe que tais tendências não obrigatoriamente necessitam se anular. Deve-se considerar que a sensibilidade já possui uma inteligibilidade, ou seja, um sentido imanente. Há razão na experiência sensível assim como há o sensível na razão (GONÇALVES *et alli*, 2008).

Em suma, pode-se dizer que o organismo não é concebido passivamente nem mesmo os comportamentos são desencadeados por causas fixadas pela estrutura orgânica, mas seu funcionamento é analisado em relação intrínseca com o meio, no qual o corpo atua pelo sensível. Assim,

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos

os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas (MERLEAU-PONTY, 2006, p.6).

A percepção unifica as funções motoras e afetivas, o que permite pensar que as “coisas” não são objetos cujas leis detemos, mas certos estilos de desenvolvimento elaborados que jamais seriam concluídos. Perceber é, portanto, “tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha” (MERLEAU-PONTY, 1990, p.93).

Para Garcia e colaboradores (2008), a percepção permitiu a Merleau-Ponty cumprir a tarefa primordial da fenomenologia: retornar às coisas mesmas, ou seja, passou a denunciar que os experimentos científicos sobre comportamento negligenciam a existência sensível. Desvincular corpo e mundo seria um equívoco que ocultaria a dimensão originária da experiência física, social e cultural. Ao romper com a dicotomia sujeito-objeto, a fenomenologia aproxima homem e natureza, corpo e consciência, fato este essencial para uma Educação Ambiental, afirmam Campos e Cavalari (2009).

É nesse aspecto que o presente trabalho buscou identificar de que maneira as publicações sobre Educação Ambiental abordam o tema da percepção. Foi intuito também indicar possíveis contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a fundamentação filosófica dessa temática.

Para tanto, fez-se uma pesquisa documental na qual identificamos os trabalhos sobre o tema de percepção ambiental junto a uma Revista Eletrônica conceituada na área de Educação Ambiental. Os artigos foram assim analisados quanto à fundamentação teórica, buscando aspectos que subsidiassem a definição de percepção.

### **A revista**

A Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) da Universidade Federal do Rio Grande<sup>2</sup>, disponível desde 1999, possui circulação nacional com periodicidade semestral. Adota como objetivo principal a veiculação de resultados de pesquisa relacionados à Educação Ambiental. Esta revista constitui um espaço tradicional para a divulgação da produção regional e nacional na área, contando com a colaboração de pesquisadores de todo o Brasil e cerca de mais de 469 mil acessos até o presente momento (agosto de 2011).

Desse modo, a consideramos uma importante ferramenta de trabalho na busca de assuntos referentes à temática ambiental, que disponibiliza aos pesquisadores e professores interessados um amplo e diverso conteúdo, selecionado de maneira criteriosa.

No recorte objetivado do presente trabalho, não se buscou discutir a qualidade das publicações, mas sim traçar um perfil dos artigos referentes à percepção ambiental, de maneira a entender como a percepção é trabalhada e articulada no contexto da Educação Ambiental. Investigamos as publicações disponíveis desde o ano de 1999 ao ano de 2010, onde foram selecionados os trabalhos cujos títulos continham a palavra “percepção”.

### **Resultados e discussões**

As análises seguiram metodologia própria na qual observamos os seguintes critérios quali-quantitativos: nº de trabalhos teóricos; nº de trabalhos que investigavam a

---

<sup>2</sup> Disponível no endereço eletrônico: <http://www.remea.furg.br/> ISSN 1517-1256

percepção de determinado público; nº de trabalhos que citaram a fenomenologia como uma ferramenta para a percepção ambiental, assim como aqueles que citaram a teoria merleau-pontyana como referência; quais os referências mais utilizados sobre a temática da percepção e da percepção ambiental; e a presença de artigos que utilizavam a percepção como sinônimo de representação social.

Em relação aos dados quantitativos, observamos que desde a fundação da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) no ano de 1999, foram publicados 26 trabalhos que abordaram a temática da percepção, havendo um crescimento na produção entre os anos de 2007 e 2009. No entanto constatamos que não houve publicações nos anos de 1999, 2000, 2002 e 2003.

Outro ponto a destacar são as publicações referentes à identificação, análise e categorização das percepções ambientais de determinado grupo de indivíduos (comunidade, professores, alunos, por exemplo). Essa categoria de abordagem foi frequente e representou 84,6% dos artigos. Dentre os demais artigos, 3(três) continham uma abordagem teórica, onde os autores “dialogavam” com o leitor a respeito da relação entre percepção e Educação Ambiental (MARIN; OLIVEIRA, 2005; MIRANDA, 2007; TORRES; OLIVEIRA, 2008) e um apenas sugeriu um questionário semi-estruturado para futuro levantamento de dados, não indicando assim público alvo específico (TORRES;OLIVEIRA, 2008).

Dentre os trabalhos já citados de categorização das percepções, encontramos com maior frequência publicações que adotaram como público alvo ou grupo de estudo, membros da comunidade (32%) e alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental - EF (50%). Segue-se ainda, porém menos representativos, os trabalhos junto a alunos do primeiro ciclo do EF (27%), alunos do Ensino Médio (18%) e professores (9%). Menos frequentes são as publicações que abordaram a percepção ambiental de alunos do curso superior (14%) e somente um artigo trabalhou a temática no ensino de jovens e adultos (FRAZÃO; SILVA; CASTRO, 2010).

Quanto à metodologia, dos 22 trabalhos com coleta de dados cerca de 86% utilizaram questionários ou entrevistas semi-estruturadas compostas por questões optativas e dissertativas, 27% fizeram uso de desenhos, 9% de mapas mentais, 4,5% utilizaram apenas questionário optativo, um artigo realizou pesquisa participante e em outro utilizou-se um grupo focal.

Observamos que grande parte dos trabalhos relacionados à identificação das percepções associa esta temática às *representações sociais* de Marcos Reigota (1998), embora isso não seja explicitado claramente em alguns artigos. Não se trata de criticar esse tipo de abordagem, mas de apontar a necessidade de posicionamentos teóricos por parte dos autores dos trabalhos nas definições do que se entende por percepção, em especial a percepção ambiental, para que se tornem claros os critérios utilizados para diferenciá-los (ou não) das representações.

Uma representação social na realidade está relacionada com pessoas que atuam fora da comunidade científica, embora possam também aí estarem presentes. Nelas podem-se encontrar os conceitos científicos da forma com que foram apreendidos e internalizados pela sociedade. Seria assim, o senso comum que se tem sobre determinado tema, onde também estão incluídos preconceitos, ideologias e experiências pessoais (REIGOTA, 1998). Nesse contexto, o meio ambiente pode ser definido tanto por conceitos científicos como por representações sociais. Nessa última possibilidade o meio ambiente refere-se a um lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam

processos de criação cultural e tecnológica assim como processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído, afirma Reigota (1998).

Por outro lado, autores como Oliveira (2006) destacam o uso e importância da percepção fenomenológica para a compreensão do meio a partir da essência dos fatos, ou mesmo, como subsídio para a compreensão da realidade vivida e para despertar o mundo vivido e percebido pelo ser humano. No entanto no tratamento dos dados, a fenomenologia foi trabalhada somente em cinco dos 26 artigos analisados (MARIN; OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA, 2006; JÚNIOR, 2007; CERATI; SOUZA, 2009 e FIGUEIREDO; NETO, 2009). Entre os aportes teóricos que são utilizados pelos autores encontramos: a experiência estética de Mikel Dufrenne e Anfonso López Quintás; a fenomenologia poética e da imaginação de Gaston Bachelard; a topofilia utilizada para definir os laços afetivos que os seres humanos estabelecem com o lugar tratada por Yi-Fu Tuan, e a fenomenologia de Merleau-Ponty.

Observamos apenas em dois trabalhos o aporte fenomenológico de Merleau-Ponty, os quais: Oliveira (2006) e Figueiredo; Neto (2009). Contudo, em tais artigos, as aferições a respeito da teoria perceptiva merleau-pontyana, apenas citam superficialmente o filósofo, e não definem o termo percepção à luz de sua fenomenologia. Essa necessidade de apoiar-se em um referencial teórico ao referir-se a determinado conceito, no caso específico, da percepção, é visto pelos presentes autores como algo pertinente e fundamental em um trabalho científico.

Portanto, uma das observações realizadas no presente levantamento documental, refere-se justamente à ausência de referenciais teóricos em determinados artigos na definição do conceito de percepção. Grande parte dos trabalhos analisado apóiam-se em outros artigos, dissertações ou teses, ao definirem esse termo, muitas vezes utilizado como *entendimento, conhecimento prévio, conhecimento sobre*, o que interfere diretamente na metodologia do trabalho.

Trabalhos como o de Santos e Moraes (2009) apontam que a percepção inclui não apenas as percepções bio-fisiológicas, mas também as imagens que formamos mentalmente sobre a realidade social, ao passo que outros trabalham a concepção de que os estudos sobre percepção ambiental atuam como um diagnóstico das ideias prévias e das práticas das pessoas (CANDIANI; VITA; FILHO, 2004). Nesse sentido, grande parte dos artigos, ao levantar as percepções ambientais, restringiu-se apenas em identificar o que determinado grupo compreende por certo conceito, seja por meio de questionários, entrevistas ou mapas mentais. Fato este já apontado por Marin (2008) ao criticar a superficialidade de alguns trabalhos na área de percepção ambiental.

Quanto a essa terminologia (percepção ambiental), é encontrada também uma grande variedade de referenciais, sendo que alguns trabalhos analisados a definem utilizando outros artigos da área, não havendo um aporte teórico consistente. Baseiam-se em outros trabalhos de levantamento de percepções. Por outro lado verificamos trabalhos que utilizavam aportes teóricos em comum e mais consistentes ao trabalharem a percepção ambiental. Dentre os referenciais utilizados encontram-se: Del Rio; Oliveira (1996); Ferrara (1993); White (1977; 1978); Capra (2006) e Reigota (1998).

Foi possível, portanto, no recorte realizado pela presente pesquisa, observar a necessidade de considerar o conceito de percepção como um dos primeiros passos para a abordagem da percepção ambiental na EA. Desse modo, tornar-se-á mais clara o significado da própria percepção ambiental e de suas diferentes linhas ou abordagens interpretativas. Isso se faz mister a partir do momento em que se entende que a Educação Ambiental, não visa apenas a transmissão de conteúdos e conceitos

biológicos de forma a alcançar uma conscientização ecológica, mas também busca ampliar o conceito de ambiente considerando a relação do homem com a natureza, uma relação mediada também por aspectos culturais, econômicos e sociais.

Apontamos a necessidade, não apenas de identificar o que determinado grupo conhece sobre o meio ambiente, mas principalmente como este mesmo grupo o percebe e com ele se relaciona. Assim, uma das formas possíveis de superar essa dicotomia entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido pode ser encontrada na fenomenologia merleau-pontyana, que compreende que mente e ação não se separam, fundamento essencial e de grande contribuição para a chamada sensibilização ambiental.

Nesse sentido, buscamos agora por meio da teoria da percepção de Merleau-Ponty enfatizar o papel do sensível, ou seja, da ação de perceber que envolve não apenas o aparato cognitivo como também toda uma gama de fatores subjetivos, que são influenciados pelo contexto sócio-histórico no qual o indivíduo encontra-se. Acreditamos que a teoria da percepção do filósofo francês pode colaborar significativamente com trabalhos que objetivem identificar ou discutir as percepções do ambiente.

### **Contribuições fenomenológicas da teoria da percepção de Merleau-Ponty**

Merleau-Ponty trabalha dois aspectos em sua teoria da percepção, que em nosso entendimento podem ser importantes para a Educação Ambiental: em primeiro lugar, podemos destacar a importância que dá ao sensível, ao ato de perceber, tido não como algo somente vinculado à experiência como abordariam os empiristas, nem ligado exclusivamente à racionalidade, mas numa junção entre conhecer e sentir.

Outro ponto que enfatizamos na teoria merleau-pontyana é a busca de como o fenômeno aparece, não necessariamente sua explicação (retomando a discussão da diferença entre compreensão e explicação). É nesse sentido que a percepção ambiental ancorada por tais pressupostos teórico-filosóficos pode contribuir para uma Educação Ambiental transformadora que considere não somente os conteúdos, mas também as relações que os indivíduos possuem com o meio ambiente onde vivem. Assim, tais percepções podem transcender meros entendimentos, passando a considerar o significado individual, o ambiente histórico, cultural e social.

Nesse sentido, citamos o exemplo dado por Perius (2009): ao se olhar para uma pétala de rosa (ou qualquer outro fenômeno natural), não se vê apenas o conceito biológico de flor, mas também o som imperceptível que faria se caísse ao chão, sua suavidade perfumada ao aproximá-la para senti-la com as mãos e com o olfato. De modo que “cheirar com as mãos” ou “comer com os olhos” são expressões sinestésicas no entrecruzamento das sensações.

Para Merleau-Ponty (2006), o mundo está ali antes mesmo de qualquer análise que se possa fazer sobre ele, e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações e depois os aspectos perspectivos do objeto, uma vez que ambos são produtos da análise e não devem ser realizados antes dela. Ferreira (2009) afirma que a fenomenologia merleau-pontyana trata de uma suspensão dos juízos no sentido de que se devem deixar os fenômenos falarem por si independentes de nossas explicações acerca deles. Une-se o processo cognitivo mental à ação do corpo sensível.

O sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria modificado ou afetado por ela; ele é uma potência que co-renasce em certo meio de existência ou se sincroniza com ele (MERLEAU-PONTY, 2006). Portanto, “temos a experiência de um mundo, não no sentido de um sistema de relações

que determinam inteiramente cada acontecimento, mas nos sentido de uma totalidade aberta cuja síntese não pode ser acabada” (*ibid.* p.296).

### **Algumas considerações**

Ao considerarmos os trabalhos analisados em que a utilização da percepção ambiental como fonte de dados, de escuta de valores, necessidades e expectativas das populações locais são frequentes, de forma a identificar as representações sociais e o entendimento de sua relação com o ambiente, torna-se fundamental ater-se aos referenciais teóricos adotados. Uma vez que esses aportes teóricos da percepção ambiental contêm distintas propostas, necessitam ser esclarecidos e discutidos de maneira mais profunda, isto porque, sustentam a relação entre os indivíduos e o meio ambiente, justificando determinadas ações a serem tomadas, como por exemplo, a construção de uma barragem, a implantação de um projeto de educação ambiental, a criação de um parque, etc.

A dicotomia sujeito-objeto, a qual sustenta a ideia de domínio do homem-sujeito sobre a natureza-objeto, cuja influencia cartesiana perdura até os dias atuais, é um dos desafios da Educação Ambiental, que busca uma nova ética relacional entre a sociedade e o ambiente (GRÜN, 2007). Dentro dessa perspectiva e considerando ainda os aspectos da Educação Ambiental transformadora e crítica, vê-se na fenomenologia merleau-pontyana e em sua teoria da percepção, uma ferramenta corroborativa para a reflexão e entendimento da relação sociedade e ambiente, essencial no momento em que se buscam soluções para a chamada crise ambiental.

Perceber o ambiente que nos cerca, seja ele natural ou construído é também compreendê-lo, uma vez que “o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.14).

### **Referências bibliográficas**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

CAMPOS, Daniela Bertolucci de; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Fenomenologia e hermenêutica: possibilidades e limites para a educação ambiental. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.22, jan-jul, 2009.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4ªed. São Paulo: Cortez, 1998.

COLLINGWOOD, Robin Georges. *A ideia da natureza*. Trad. Frederico Montenegro. Coleção Divulgação e Ensaio. Ed. Presença: Lisboa. 256p. s/d.

DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Global, 1998.

FERRARA, L. D'Alessio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Edusp, 1993.

FERREIRA, Elizia Cristina. Reflexão e percepção em Merleau-Ponty. In: *Filosofia francesa contemporânea*. CARNEIRO, M. C.; GENTIL, H. S. (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GONÇALVES, Rafael Ramos; GARCIA, Fernanda Alt Fróes; DANTAS, Jurema de Barros; EWALD, Ariane P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. V.8 n.2 p. 402-435, 2008.

Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a19.pdf>

Acesso em: 05 de fevereiro de 2011.

GÜNTHER, Hartmut; ROZESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia Ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Textos de Psicologia Ambiental*. n.10, 2005.

GRÜN, Mauro. *Em busca de uma dimensão ética da educação ambiental*. Campinas: Paurus, 2007.

LENOBLE, Robert. *História da ideia de Natureza*. Coleção Perfil – História das ideias e do pensamento. Lisboa: Portugal; Edições 70. 1ªed. 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2009.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. *Pesquisa em Educação Ambiental*. V.3, n.1, p.203-222, 2008.

MARIN, Andréia Aparecida; OLIVEIRA, Haydée Torres; COMAR, Vito. A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção. *Interciência*. v.28 n.10, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Campinas: Paurus. 1990.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*. V. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.

PACHECO, Éser Técio. Percepção ambiental como desvelamento do *ethos* embrionário. 279f. *Tese* (Programa de Estudos Interdisciplinares em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

PEIXOTO, A. J. A origem e os fundamentos da fenomenologia: uma breve incursão pelo pensamento de Husserl. In: PEIXOTO, A. *et alli* (orgs). *Concepções sobre a fenomenologia*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

PENNA, Antonio Gomes. *Percepção e Realidade*: introdução ao estudo da atividade perceptiva. Rio de Janeiro: Mercúrio Star, 1982.

PERIUS, Cristiano. “Cheirar com os olhos”: Merleau-Ponty sinestésico. In: *Filosofia francesa contemporânea*. CARNEIRO, M. C.; GENTIL, H. S. (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1998.

SOUZA, Daniele Cristina de. Cartografia da Educação Ambiental nas Pós-Graduações Stricto sensu Brasileiras (2003-2007): ênfase na pesquisa das áreas de Educação e Ensino de Ciências sobre formação de professores. 2010. 249p. *Dissertação de Mestrado* (Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

WHITE, Anne V. T. *La perception de l'environnement: lignes directrices méthodologiques pour les études sur le terrain*. Paris: UNESCO, 1978.

WHYTE, Anne. V. T. *Guidelines for field studies in environmental perception*. Paris: UNESCO, 1977.

#### **Referências dos artigos analisados**

BARRETO, Marcelo Barroso; CARVALHO, Anderson Abbehusen Freire de; REBOUÇAS, Surama Beatriz Bandeira; AGUIAR, Maria Magalhães. Ludicidade e percepção infantil como instrumentos para prática da educação ambiental no zoológico de Salvador – BA. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.21, jul-dez, 2008.

BERGMANN, Melissa; PEDROZO, Catarina da Silva. Percepção ambiental de estudantes e professores do município de Giruá, RS. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.19, jul-dez, 2007.

BRAGA, Rafael Nunes; MARCOMIN, Fátima Elizabeti. Percepção ambiental: uma análise junto a moradores do entorno da lagoa Arroio Corrente em Jaguaruna, Santa Catarina. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.21, jul-dez, 2008.

CANDIANI, Giovano; LAGE, Manoel; VITA, Samuel; SOUZA, Welington; FILHO, Wilson. Educação Ambiental: percepção e práticas sobre Meio Ambiente de estudantes do ensino fundamental e médio. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.12, jan-jun, 2004.

CALDAS, Ana Luiza Rios; RODRIGUES, Maria do Socorro. Avaliação da percepção ambiental: estudos da caso da comunidade ribeirinha da microbacia do rio Magu. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.15, jul-dez, 2005.

CARVALHO, Emerson Machado de; ROCHA, Valcir Souza; MISSIRIAN, Giani Lopes Bergamo. Percepção ambiental e sensibilização de alunos do ensino fundamental para a preservação da mata ciliar. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.23, jul-dez, 2009.

CERATI, Tania Maria; SOUZA, Aline Queiroz de. Educação ambiental e percepção: o caso do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.23, jul-dez, 2009.

COSTA, Tiago Viana da; SANTOS, Jerfferson Lobato dos; BARROS, Solange da Silva; CARVALHO, Simone Marcela Souza de. Brincando entre igapós: a água na percepção das crianças da Reserva de desenvolvimento sustentável Tupé, Manaus/AM. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.18, jan-jun, 2007.

DEMENIGHI, Janine da Silva; STAHNKE, Leonardo Francisco; LARRATÉA, Theo Vieira; NOLL, Samuel Henrique; PAESE, Leomar; SAUL, Paulo Fernando de Almeida. Atividade de percepção ambiental aplicadas a alunos do ensino infantil, fundamental, médio e superior do município de Ivoti, RS: a visão de acadêmicos de ciências biológicas da UNISINOS. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.21, jul-dez, 2008.

FIGUEIREDO, Jaime; NETO, Germano Guarim. Aspectos da percepção ambiental de um grupo de empresários de Sinop, Mato Grosso, Brasil. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.22, jan-jul, 2009.

FRAZÃO, Juliana Oliveira; SILVA, Jobson Martins da; CASTRO, Carla Soraia de. Percepção ambiental de alunos e professores na preservação das tartarugas marinhas na praia de Pipa – RN. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.24, jan-jul, 2010.

GREGORINI, Talita; MISSIRIAN, Giani Lopes Bergamo. Percepção ambiental dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, do distrito de Piraporã – MS. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.22, jan-jul, 2009.

JÚNIOR, Jonas Bach. A percepção ambiental na pedagógica Waldorf pelas reflexões de Bachelard e sua relação com as bases da educação estética e ambiental. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.18, jan-jun, 2007.

MARIN, Andréia Aparecida; OLIVEIRA, Luiz Claudio Batista de. A experiência estética em Dufrenne e Quintás e a percepção de natureza: para uma educação ambiental com bases fenomenológicas. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.15, jul-dez, 2005.

MIRANDA, Daniela Janaína Pereira. Educação e percepção ambiental: o despertar consciente do saber ambiental para a ação do homem na natureza. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.19, jul-dez, 2007.

MOLISANI, Maurício Mussi. Indução da percepção sobre os bens e serviços de um Ecossistema (rio Macaé, Macaé, RJ) em alunos do ensino fundamental sob o enfoque da ecologia perceptual. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.22, jan-jul, 2009.

NASCIMENTO, Maria Vitória Élide do; ARAÚJO-DE-ALMEIDA, Elineí. Importância da realização de trilhas participativas para o conhecimento e conservação da diversidade biológica: uma análise da percepção ambiental. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.23, jul-dez, 2009.

OENNING, Vanessa; CARNIATTO, IRENE. Percepção ambiental de alunos atingidos por barragem em relação a problemas locais. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.23, jul-dez, 2009.

OLIVEIRA, Nilza Aparecida da Silva. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas conceituais. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.16, jan-jun, 2006.

PENTEADO, Carlos Luis de Camargo; FORTUNATO, Ivan. Crise ambiental e percepção: fragmentação ou complexidade? *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.24, jan-jul, 2010.

PEREIRA, Edvânia Maria; FARRAPEIRA, Cristiane Maria Rocha; PINTO, Stefane de Lyra. Percepção e educação ambiental sobre manguezais em escolas públicas da região metropolitana do Recife. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.17, jul-dez, 2006.

REZENDE, Cristina Nogueira Vianna; CUNHA E SILVA, Sandra Lúcia da; SILVEIRA, Thiara Cardoso. Percepção ambiental e a prática docente nas escolas do meio rural do município de Itapetinga-BA. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.23, jul-dez, 2009.

RUSCHEINSKY, Aloísio. Meio ambiente e percepção do real: os rumos da educação ambiental nas veias das ciências sociais. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.7, out-dez, 2001.

SALGADO, Gabriele Nigra; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Percepção ambiental das/os envolvidos com o Projeto Brotar (microbacia do córrego Água Quente, São Carlos/São Paulo) como subsídio à educação ambiental. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.24, jan-jul, 2010.

SANTOS, Marcio Quara de Carvalho; MORAES, Roseane de Paula Gomes. Análise situacional da percepção de meio ambiente por alunos da rede municipal de ensino da cidade de Manaus, Amazonas. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.23, jul-dez, 2009.

TORRES, Denise de Freitas; OLIVEIRA, Eduardo Silva de. Percepção ambiental: instrumento para educação ambiental em Unidades de Conservação. *Rev. eletrônica. Mestr. Edc. Ambient.* v.21, jul-dez, 2008.